

CAÇADORES DA ALMA - DIVERSOS OLHARES DE UM FOTOGRAFO

Joel Silva

Eu acho que o fotojornalismo tem obrigação de descer no submundo da sociedade e trazer a luz dela, aquilo que ela não consegue enxergar ou muitas vezes não quer ver.

Custódio Coimbra

O impulso de fotografar, não é só a pauta que eu vou fazer. Às vezes eu acordo chamado o dedo nervoso, daí eu fotografo degraú, eu fotografo... fotografo.

To chegando a 500 mil, quinhentas mil fotografias. Muita foto igual? Muita foto igual. Todas diferentes? Todas diferentes.

Bruno Veiga

Para mim a fotografia é uma edição pessoal da realidade que nos cerca. Mesmo em uma reprodução, de algum objeto, você está fazendo uma opção de luz, você está fazendo uma opção de corte, Então você está fazendo um exercício de representação de individualidade, um recorte do mundo... que seja o teu mundo, com a sua história com tudo que você aprendeu ao longo da vida. e viveu.

Tornaghi

Existem os fotógrafos especialistas, aqueles que se dedicam a um tema ou área de atividade, os esportistas, os de guerra e os militantes. E existem aqueles que investem na multiplicidade. Muitos deles se conheceram e se formaram nas redações dos jornais, a vida burilou os seus olhares.

Custódio Coimbra

Eu sou de uma escola da fotografia pura em que o fotógrafo é um invisível, é uma abelha, ou é uma mosca ou perambula que ... E a vida me mostrou que eu existo, que eu tenho matéria que eu faço parte e cada vez mais, quando as pessoas olham para mim a minha fotografia também passou a ter um outro valor.

Eu sou fotojornalista, eu ainda estou trabalhando todo dia, eu acho que por esse lado de ir em busca do inesperado. Então eu saio na rua eu não atravesso a rua direto, eu respiro, eu tento entrar no ritmo do que me cerca. Eu lembro quando eu fotografei no comício das Diretas Já, eu estava em cima de um prédio, cheguei cedo e vi aquela multidão chegando... chegando... Teve uma hora que a luz começou a cair e as luzes da cidade começaram a ascender, eu vivi tanto aquela ... que eu chorava, fotografava, cantava era um... e estava fotografando e percebi o momento da importância de eu estar fotografando aquilo ali. Você só denuncia alguma coisa quando você tem algum interesse muito grande. O meu interesse é o amor, eu amo essa cidade eu amo essas pessoas e quanto mais eu fotografo mais íntimo eu fico.

Tive conhecimento de um grupo que trabalha com os botos no fundo da Baía. Foram três dias de intensa alegria, intensa e também intenso de tensão, porque eu tinha que ficar com a lente esperando. Teve um que levantou com o rabo e mergulhou, aí ele falou assim:

“fotografou?” eu falei: “fotografei.” Ele falou: “você pegou o plástico? O lixo.”. E não é que tinha no rabo dele um saco plástico.

A minha defesa é socioambiental, o ambiente na verdade o homem continua presente o homem é o fundamental mas também sem natureza não tem homem. O processo de degradação ambiental, ele acontece com o processo de degradação social, eu acho que a gente vive um processo de degradação social.

Ricardo Azoury

Cara eu sou oriundo da imprensa. Eu gosto de espalhar o meu olhar... Quando a gente trabalha em revista, em jornal, quem tá acostumado.. Acostumou com as tiragens de 5 milhões, 10 milhões de exemplares em que cada exemplar tinha aquelas contas ‘ é lido por 20 pessoas’ então você espalhava a sua imagem para milhões e milhões de pessoas.

Eu acho que a fotografia é uma conjunção de coisas que eu chamo de sincronicidade visual.

Silvio Tandler

E aquela coisa delicada que você fazia, tranquila, de alimentar tubarão ? Você continua fazendo isso ?

Ricardo Azoury

Continuo fazendo isso...

Silvio Tandler

Você continua dando comida para os peixinhos ?

Ricardo Azoury

É... não, não continuo alimentando tubarão mas continuo admirando tubarão.

Marco Terranova

Fotógrafo muito em comunidade e nunca quis fotografar droga e nem arma, por exemplo, entendeu ? Cada um vai atrás daquilo que quer. Como eu fui para a rua automaticamente é fotografia documental.

O fotojornalismo, ele entrou na minha vida só quando eu fui no Jornal do Brasil, que eu fui velho. Fui muito feliz no Jornal do Brasil. Realizei um sonho de criança.

O Foto Premier foi, na realidade, uma situação em que eu entrei em um dia de manhã... Segunda pauta do dia era fotografar vôlei de praia, eu saí da arena para falar com a assessora de imprensa, fazer uma pergunta para ela, e não deu 30 segundos começou um tiroteio. E aí eu falei para ela: “se protege que isso é tiro”. Com aquele filme de 36 poses eu fiz a sequência completa e ali no finalzinho do filme olhei e vi a mãe que estava no chão protegendo o filho.

Eu abandonei a faculdade porque eu queria dar a volta ao mundo de veleiro e porque eu queria fotografar a natureza, coisa que eu faço até hoje, até hoje eu não só velejo como uso o veleiro como veículo para fotografar baleias. Nada é igual a você estar velejando no meio das baleias, no barco que eu faço isso, é um barco que tem ¼ do tamanho da baleia. Então, é algo muito especial ter essa oportunidade de você se colocar no lugar que você tem que estar na realidade. No período de férias eu programava as coisas mais demoradas e mais difíceis, então nas minhas férias eu dividia, as minhas férias, com 15 dias para montanha e 15 dias para a baleia. Isso gerou problemas enormes no meu casamento na época, porque eu nunca separava 15 dias para ficar com a minha mulher, e o pior dia foi quando eu fui para uma aventura dessas e voltei em casa feliz da vida, fotografei uma mãe com exposição caudal linda com filhote e essa baleia nunca tinha sido fotografada, e quando você fotografa a baleia pela primeira vez você tem o direito de nomeá-la, e eu dei o nome da minha esposa para ela. Aí, cheguei em casa todo feliz, eufórico: “ não! inclusive dei o teu nome para uma baleia.” aí fudeu!

Eu gastava as minhas economias, eu gastava as minhas férias, eu gastava tudo em fotografia. Então eu relaxo o olhar fotografando o que eu gosto.

Luciana Whitaker

É apaixonante você estar um dia em uma favela, um dia passa a tarde com Tom Jobim, incrível é uma oportunidade que pouca gente tem. É um passaporte para eu estar nos lugares que eu não estaria se não fosse a fotografia, ou viajando ou na casa de alguém ou no ombro do Cristo Redentor.

Eu acho que essa coisa do jornalismo de chegar muito perto de... Se envolver, eu acho que a gente tem que dar uma misturada, se mesclar com o que você está fotografando, você tem que pertencer aquela coisa. Eu acho que o jornalismo acaba fazendo isso, você passa um dia com o presidente, um dia com morador de rua e você tem que pertencer a esses... Não pode se destacar, você tem que ser, tem que entrar nisso.

Gustavo Andrade

O fotojornalismo foi a minha escola e até hoje eu adoro fotojornalismo. O fotojornalista ele tem que estar ligado no que está acontecendo, no geral, e no que ele vai fotografar é importante demais. Porque a sacada que o cara tem que vai mudar a foto dele em relação a todas as outras vem é daí, desse conhecimento prévio que você tem, e que vai somar com o conhecimento que você tem na hora da situação e isso faz total diferença.

Fotografar a Copa do Mundo para mim foi a realização de um sonho de faculdade. E aí eu pensei: “ Nossa, como que deve ser fotografar a Copa do Mundo?”, ainda mais para uma agência internacional que divulgou tudo para o mundo inteiro. Copa do Mundo no país, você fotografando na maior expectativa “ O Brasil vai pra final !”, de repente é 1,2,3,4... Você vira pro lado, tem um fotógrafo do lado e você conversa com ele e fala: “ Acabou, vamos fotografar a torcida porque o jogo já deu o que tinha que dar.”

É impressionante como no dia que eu saio de casa mais triste ou então mais nervoso a minha foto não fica o que eu quero. Quando eu estou em outro estado de espírito quando

eu estou mais leve é muito fácil trabalhar assim, a minha fotografia fica muito mais real mais limpa.

Juca Martins

Você vai para os lugares carregando o seu passado. Você tem sentimentos, você tem vivência, você sofre, você sente frio, sente calor e você vai colocar isso na tua observação. Coloca o ser humano antes do fotojornalista senão você vai ser um fotojornalista medíocre, seja primeiro um ser humano. O trabalho jornalístico, como ele envolve o enfoque que acontecimentos do mundo real que mexe com a vida das pessoas, obrigatoriamente ele vai ter sempre uma característica política, eu não diria que é uma política partidária mas é um acontecimento histórico.

Fiz matérias que me fizeram sofrer, eu fiz a grande seca do Nordeste de 1983, era muito difícil fazer aquilo, você tinha que... Isso eu acho que o repórter fotográfico tem que aprender, uma hora se controlar e sabe onde ele pode por a emoção (?) encontra em um canto para chorar, ou então ele tem que parar para fazer a matéria a reportagem, ele tem que se controlar. Agora, eu sou um otimista, apesar de tudo o que eu vi eu continuo, eu acredito no ser humano, eu posso ser um em mil mas esse um em mil é 1% que você está melhorando o mundo.

Antonio Scorza

Eu me considero estritamente um fotojornalista. O que não tem a informação, dificilmente me sensibiliza. Talvez por isso eu ainda lute tanto com as coisas puramente estéticas. A história maior que me move é a ironia e a impossibilidade do homem, por tudo aonde eu passei de comunidades à guerras, a desassistência social no hospital. Eu não consigo ver o homem se juntando, não consigo ver o homem pensando o futuro, e essa impossibilidade do homem me incomoda muito.

Apesar da minha descrença, eu ainda acho que a informação pode ajudar a melhorar o homem. A minha filosofia é a filosofia do grãozinho de areia, eu tento botar o meu grãozinho de areia sempre que posso.

Eu de pouco tempo para cá comecei a fazer alguma coisa que, por incrível que pareça, é muito mais com o telefone celular. Porque é uma coisa que está prática, está ao meu alcance, é assim: eu olhei para uma coisa que está ali pronta, a luz tá bonita o enquadramento tá perfeito com a lente do telefone e tudo mais, eu faço.

Sergio Tomizaki

Fotojornalismo tem que ter movimento. Eu costumo trabalhar muito com o olhar das pessoas, porque o olhar diz muito. Tanto é que na minha área de jornalismo na cobertura de esportes, por exemplo, eu fui um pioneiro para fazer, por exemplo, fotografar lance de jogos de futebol bem fechados com expressões faciais.

Alcyr Cavalcanti

Algumas fotografias não precisam de legenda, a maioria precisa, mas tem umas que não precisam, elas são secas e mostram a verdade próximo do que é verdadeiro. Ele é um pouco também formador de opinião, pode despertar a consciência das pessoas assim como a literatura, a poesia.

Quando a arquibancada do Maracanã que caiu no jogo do Flamengo e Botafogo, em 92, final do campeonato brasileiro, houve 4 mortos mais de 50 feridos.

Quando eu fui em 88 morar na Rocinha, ali modificou o meu ponto de vista em relação aos moradores de favela, e lá eu conheci muitas pessoas e vi muitas situações que eu não imaginava, que não veria nunca se não tivesse ido morar lá. Isso me deu um pouco... Uma consciência sobre as coisas que acontecem lá e vejo as vezes muito comentário, muita coisa que é escrita que foge à realidade.

Evandro Teixeira

A fotografia é eterna. Se você me perguntar se eu vou continuar fotografando, é claro que eu vou. Jamais vou deixar de fotografar, até quando for possível fotografar e a fotografia é uma vida, uma coisa que é a minha vida, então eu vou fotografar sempre.

A fotografia brasileira tem um papel muito importante no Golpe Militar no Brasil. Eu criticava através do meu olhar da maneira que eu tinha lá de fotografar. Muito jornalista preso, muito fotógrafo apanhou, muitos foram destruídos os seus equipamentos, mas aquilo que pode ser salvo eu acho que conseguiu fazer um papel fundamental no Golpe Militar no Brasil, eu acho que a fotografia tem um papel importante.

Douglas Mansur

Eu falo sempre que a fotografia, ela informa, forma e gera uma consciência. Eu acho que a fotografia em todas as áreas ela leva isso junto, seja ela na publicidade, no jornalismo, nas fotos que nós fazemos no *selfie* agora, eu acho que ela tem um compromisso político. Ser fotógrafo já é difícil, eu sempre brinco que ninguém dá valor a fotógrafo mas todo mundo tem medo do fotógrafo, da imagem.

Eu comecei quando eu vi as mãos do Frei Damião, aí eu comecei a fazer as fotos das mãos, pensando em depois fazer uma exposição para contar a história dessas pessoas, a importância deles na transformação do mundo e sempre acompanhando algum movimento social. Mas um que eu tenho um carinho especial, é do Carlito Maia, que eu acho que foi um cara muito criativo em todos os momentos difíceis da nossa sociedade, ele tinha uma saída. Uma outra também que é a do Dom Paulo Evaristo, que tem uma placa em couro, que os próprios presos políticos escreveram o nome dele que estavam na cela.

Rogério Reis

Uma coisa é você olhar aqui o material do Cartier Bresson e você entender o que ele fez e como ele fez, outra coisa é você pegar um fotógrafo contemporâneo que constrói, que simula situações, trabalha em cenas deciduais aquela coisa de jogar para a memória "o sujeito partiu mas o que ele deixou", fazer um inventário do que ele fez. Esse tipo de

linguagem ela vem acontecendo, que é natural a gente não pode se refratar à isso. Eu, por exemplo, pelo contrário, estou sempre pesquisando e vendo essas alternativas ao fotojornalismo. Mas o fotojornalismo não vai morrer, muita gente acha que é uma ameaça... Não ! Fotojornalismo é adrenalina na veia, sempre, não vai ficar em desvantagem.

Ana Carolina Fernandes

Cobri a Paralimpíada com uma equipe maravilhosa, de um time que eu trabalho também que eu conheci no instagram que é, a MobyGrafia. Cinco fotógrafos de celular e além de tudo, uma coisa que me deixou extremamente feliz e emocionada que na época a equipe tinha um fotógrafo cego e tinha um fotógrafo cadeirante.

Desde 2013 eu venho documentando as manifestações de rua. Algumas vezes eu trabalhei para a Reuters às vezes até para a Folha de São Paulo, uma vez ou outra, mas a grande maioria eu fiz para mim, eu fui de uma maneira independente.

Bruno Veiga

No meu processo de trabalho, não é eu ficar em casa ou no ateliê, eu acho ao contrário, exatamente isso, eu vou lá ver o que é que está acontecendo e quando chegar lá eu decido. E quando eu cheguei em Paracatu, parecia que eu tinha chegado à Pompéia, o tempo paralisou o tempo parou. Estava ali tudo congelado, os objetos, as casas, os colchões tudo destruído e espalhado, mas você tinha uma memória ali da vida das pessoas. Eu fiquei imaginando como é que as pessoas estavam vivendo sem os seus objetos, não só os bens de consumo como o liquidificador, mas como as coisas que fazem parte da sua vida. E ali eu comecei a perceber uma coisa, que depois que a avalanche passou e ela criou uma linha, mas uma linha perfeita, na parede das casas. Em alguns trechos tinha uma árvore que ficava quase branco, então você conseguia ver uma marca perfeita... E aí eu enlouqueci com aquilo.

Joel Silva

A gente vai empregando na fotografia e no fotojornalismo uma certa poesia. Em 2000, trabalhando no Notícias Populares, eu comecei a ter acesso a violência urbana. E enxergando isso eu comecei a perceber da onde vem toda essa violência. Por conta disso eu fui parar na Colômbia, fiquei acampado com os guerrilheiros. E quando você é levado, por algum motivo, para essas zonas de conflito, você acaba sendo meio que contaminado. Os conflitos urbanos eles são mais perigosos para o fotógrafo. Houve uma manifestação chamada ' Dia de Fúria ' no Cairo, e claro fomos para lá meio dia, eu estava com o meu capacete o meu colete... No momento em que eu tomei o tiro eu não percebi, eu fui alertado por um morador, ele mostrou a bala. Eu tinha levantado o capacete um pouquinho para fotografar e o capacete estava mais ou menos aqui, e aí ela bateu nesse concreto ricocheteou aqui... Eu estava assim, estava exatamente assim, então ela cortou a minha testa na verdade.

Quando eu fui para a Líbia eu fui pensando exatamente ' como é que a revolução começa? '. Quando a primavera Árabe surgiu, começou na Tunísia e depois foi pro Cairo e do Cairo já logo migrou para a Líbia.

Uma foto minha que ficou muito conhecida no mundo inteiro foi uma foto do primeiro ataque aéreo que o Kadafi fez aos rebeldes, eu fui o único fotógrafo que me avancei um pouco mais na linha de frente e cheguei até um último ponto aonde tinha um rebelde cercando a estrada e paramos por ali, e aí o caça sobrevoou as nossas cabeças, e esse caça soltou uma bomba logo a frente em uma vila chamada Brega, alguns quilômetros , que deu pra gente perceber o cogumelo zinho ao longo. Só que o caça deu a volta, isso questão de 1 ou 2 minutos, de repente um estrondo acontece na minha frente. Já virei a câmera, comecei a fotografar e no último fotograma o rebelde correndo embaixo. Se isso foi um bombardeio, claro que nós tínhamos ali uma foto importante, porque isso claramente mostrava que o Kadafi estava mentindo. E essa foto correu o mundo, alguma semanas depois a ONU votou uma resolução que cria a exclusão do espaço aéreo, foi votada essa resolução por conta de imagens que estavam vindo da zona de conflito. Quando você me pergunta: “ o que te move para uma zona de conflito?” eu acho que é isso, quando você vê a sua fotografia dando um resultado, de alguma forma.